

TRABALHOS DE PESQUISAS

O CORPO FALA: UNIVERSO DAS TRAVESTIS

Matheus Henrique Souza Alves¹; Maria Cristina de Moura-Ferreira²

THE BODY SPEAKS: UNIVERSE OF THE TRANSVESTITES

Resumo: Pesquisa prospectiva, exploratória, de natureza quanti-qualitativa, que teve por objetivo caracterizar o ser travesti na população de profissionais do sexo em atividade, segundo variáveis demográficas, socioeconômicas e fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis. Amostra composta por 12 travestis que têm como profissão a prostituição. Após a análise e interpretação dos dados coletados, as variáveis demográficas e socioeconômicas das travestis entrevistadas revelaram que 41,6% das participantes têm entre 21 a 25 anos de idade; em relação a renda mensal, 33,3% ganham mais de R\$ 3.001; no grau de escolaridade houve variação de 41,7% com ensino médio completo e 33,3% com ensino fundamental completo; quando questionadas sobre a prostituição, 83,4% das entrevistadas pensam em sair da prostituição; a violência mais verificada foi a verbal, com 58,3%. As questões que permeiam o uso de álcool e outras drogas pelas travestis revelou que 91,7% das participantes usaram ou ainda usam algum tipo de droga, sendo maconha/cigarro o maior índice, com 50%. Os dados qualitativos submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin (2011), geraram 9 categorias. Consideramos que a pesquisa apresentou uma visão sobre o mundo das travestis que têm como profissão a prostituição, colaborando para um olhar mais respeitoso sobre a opção e sobre as transformações realizadas em seu corpo enquanto travesti.

Palavras chaves: prostituição; corpo; travestis

Abstract: A prospective, exploratory, quantitative-qualitative study that aimed to characterize being a transvestite in a population of active sex workers, according to demographic and socioeconomic variables as well as the risk factors for sexually transmitted. Sample composed of 12 transvestites whose profession is prostitution. After analyzing and interpreting the collected data, the demographic and socioeconomic variables of the transvestite's interviewed revealed that 41.6% of the participants had an age between 21 and 25 years of age, in relation to the monthly income, 33.3% earned more than R\$3,001 in education, there was a 41.7% increase in high school and 33.3% in elementary school, when questioned about prostitution, 83.4% of the women interviewed thought they would quit prostitution, violence Was verified verbal, with 58.3%. The questions that permeate the use of alcohol and other drugs by transvestites revealed that 91.7% of the participants used or still use some type of drug, with marijuana / cigarette being the highest index with 50%. The qualitative data submitted to the BARDIN Content Analysis (2011), generated 9 categories. We consider that the research presented a vision about the world of transvestites, whose profession is prostitution, collaborating for a more respectful look at the option and the transformations carried out in her body as a transvestite.

Keywords: prostitution; body; transvestites

¹Graduado em Enfermagem – UFU – Av. Pará, 1720 – Bloco 2U, sala 16 – Campus Umuarama – Uberlândia-MG. CEP: 38400-902. E-mail: matheus_enfe@hotmail.com

²Professor Associado I do curso de graduação em Enfermagem – UFU – Uberlândia – MG. Especialização em Sexualidade Humana no Contexto da Assistência à Saúde.

Introdução

Hoje em dia temos tantas formas de feminilidades que seria ingênuo ainda acreditar que existe uma categoria uniforme do que seja feminino. Com todas as mudanças, o que vemos hoje é um emaranhado de sujeitos contendo aspectos que estariam classificados como femininos e outros que não estariam. Apesar das diferenças, todos os seres humanos merecem igual respeito, como únicos entes capazes de amar, descobrir a verdade e criar a beleza, apesar das inúmeras diferenças biológicas e culturais que existem entre si (COMPARATO, 2007).

A determinação das travestis em modificar o corpo, a personificação da ambiguidade entre masculino e feminino, a explicitação de sua condição sexual e por lhes restar, quase sempre, o trabalho como profissionais do sexo, torna-as bastante estigmatizadas (BENEDETTI, 2005). No que diz respeito à infecção pelo vírus HIV/Aids, as travestis têm uma vulnerabilidade maior que os outros grupos sociais. (AYRES et al., 1999)

As travestis desafiam toda a instituição social da rigidez da identidade de gênero. Têm um corpo construído a partir dos seus desejos, que não se enquadra em nenhuma das categorias pré-estabelecidas (homem ou mulher) porque contém, ao mesmo tempo, fragmentos das duas. As mudanças no corpo objetivam chegar a um ponto que não pode ser considerado uniforme, em todos os casos, e que é constantemente afetado pelos padrões de beleza, pelas necessidades de trabalho e por tantos outros fatores. Isso torna o processo constantemente reinventado e o ponto de chegada muito difuso e provavelmente inexistente. Esses grupos geralmente se organizam para defender seus interesses, ressaltando suas singularidades, uma vez que, às travestis são impostas muitas limitações, sendo a mais presente, a não participação integral com igualdade de direitos, que requer das mesmas reivindicações de seus direitos com o propósito de conferir um novo sentido à noção de cidadania (COMPARATO, 2007).

Em se tratando de travestis que trabalham como profissionais do sexo, hoje a prostituição é mais frequente na região urbana, sendo mais difícil a localização em "cabarés" em arredores das cidades. Dessa forma, o controle de saúde das profissionais do sexo fica mais acessível visto que, atualmente, há uma preocupação do governo com a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) nesse grupo de

trabalhadoras, essas pessoas são periodicamente submetidas a exames médicos preventivos e acompanhadas na distribuição gratuita de preservativos (REVERÓN, 2008).

De acordo com Benedetti (2005), o processo de transformação corporal e o início da travestilidade acontecem geralmente muito cedo, no início da adolescência, porém de formas e por razões que são variadas. Esse processo de feminilização corporal e social é denominado "montagem", na linguagem utilizada pelas travestis. Na grande maioria das vezes, acontece por intermédio de outra travesti que "ensina" como fazer a transformação aos poucos, por algumas medidas tomadas pela pessoa que deseja se transformar.

Na diferenciação entre travestis, transexuais e homossexualidade temos que travestis são pessoas que usam vestimentas do sexo oposto para satisfazer a experiência de pertencer ao sexo oposto; e transexuais são pessoas que não aceitam o sexo que ostentam anatomicamente. Já a homossexualidade é definida como atração afetiva e sexual por pessoa do mesmo sexo. Depende da orientação sexual que é considerada como atração afetiva e/ou sexual de uma pessoa pela outra (BRASIL, 2004).

As travestis investem muito em seus corpos (tempo, conhecimento, dinheiro) quando decidem transformá-los. É no corpo que a marca do masculino e do feminino aparece, tanto pela ordem do biológico, ou seja, do sexo, quanto pelas representações que temos sobre ele, e, neste sentido, ele é um produto social, pois está na ordem da linguagem, portanto da cultura, não havendo como separar o que é simbólico do que é real. Para as travestis, o corpo é, sobretudo, uma linguagem; confere-lhes um lugar social. É no corpo que as travestis se constituem enquanto sujeitos (BENEDETTI, 2005).

As transformações do menino para a travesti começam lentamente e as características corporais são consideradas fundamentais para a diferenciação de gênero, nesta "fabricação do feminino". Assim, iniciam-se as transformações por partes do corpo que seriam mais fáceis de modificar e também reversíveis, como por exemplo, as mãos e os cabelos, embora também tenham a função de se identificarem gradativamente com atributos femininos, caracterizando um período de transição. Neste momento, a maquiagem começa a ter importância fundamental,

pois além de ser uma marca do feminino, tem a função de esconder os atributos masculinos. O batom vermelho é o principal produto pois é a maior marca do feminino, uma vez que carrega a representação da sensualidade e da sedução supostamente irresistível para os homens (BENEDETTI, 2005).

Segundo Dallari (2004), na montagem do feminino não pode faltar os sapatos de salto, frequentemente muito altos, pois é uma importante marca do feminino do qual as travestis não abrem mão mesmo tendo que suportá-los de 6 a 10 horas por dia, circulando pelas ruas durante o trabalho de prostituição.

Segundo Silva (2007), é o nascimento de um novo corpo, porém não um corpo de mulher, pois tem características e atributos diferentes. "É um corpo de travesti" (BENEDETTI, 2005a, p.73). Contudo, nesta nova fase os riscos à saúde aumentam pela falta de condições adequadas do uso de alguns métodos.

Objetivos

- Geral:

Caracterizar o ser travesti na população de profissionais do sexo em atividade em Uberlândia - MG, segundo variáveis demográficas e socioeconômicas, bem como os fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis nessa população, verificando os sentimentos e dificuldades enfrentadas.

- Específicos:

Levantar as variáveis demográficas e socioeconômicas e os fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis às quais elas estariam mais vulneráveis; identificar a percepção, os sentimentos e as dificuldades enfrentadas pelas travestis e verificar como as travestis são atendidas/os quando buscam ajuda em uma Unidade de Saúde.

Método

Pesquisa prospectiva, exploratória, de natureza quanti-qualitativa, que teve por objetivo caracterizar o ser travesti na população de profissionais do sexo em atividade. Adotamos a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) como guia na aproximação à experiência vivida pelas travestis e o seu caminhar no universo da prostituição.

A pesquisa foi realizada em uma residência que tem como moradoras travestis que exercem

a profissão de prostituição em Uberlândia-MG. A população do estudo foi constituída de 30 travestis, sendo que a amostra foi de 12 travestis.

Adaptamos o instrumento de Gomes (2009) com algumas alterações de acordo com os objetivos traçados para esta pesquisa e que gerou o instrumento para coleta dos dados que denominamos Roteiro de Entrevista para a Coleta de Dados Adaptado de Gomes (2009). Nele constam os itens: dados pessoais, educação escolar, família, corpo, drogas, social e pessoal, mercado de trabalho e prostituição, riscos DST/AIDS e violência. As entrevistas foram gravadas e ocorreram de forma individual, preservando assim o sigilo e anonimato das informações prestadas pelas participantes.

Foram incluídas na pesquisa todas as garotas de programa travestis que aceitaram participar da pesquisa e após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídas as garotas de programa do sexo feminino e masculino e as travestis que não aceitaram participar da pesquisa.

A Coleta de Dados ocorreu por meio de visitas no imóvel utilizado pelas travestis que tem como profissão a prostituição; elas foram realizadas no período de maio a setembro de 2016. Vale ressaltar que as entrevistas duraram de 40 minutos a 1h30min, realizadas conforme agendamento de dia e horário estabelecidos pelas participantes. Após a coleta, os dados foram transcritos, digitados e submetidos à leitura exaustiva, os dados quantitativos descritos em números relativo e percentuais, e os qualitativos foram submetidos a análise e interpretação de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Após a leitura, foram realizados os recortes das entrevistas agrupando as falas ou unidades de conteúdo parecidas ou semelhantes, que geraram categorias, após uma análise crítica e comprometida dos pesquisadores.

Resultados e discussão

Os dados de natureza quantitativa foram tabulados e apresentados em número relativo (N) e percentual (%) e os de natureza qualitativa foram analisados utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Inicialmente apresentaremos os dados quantitativos representados pelas variáveis demográficas e socioeconômicas das travestis entrevistadas. Neste estudo estimou-se uma população existente de 30 sujeitos travestis, em uma residência em Uberlândia - MG.

Foram totalizados 12 questionários respondidos por travestis que desempenham ativamente seu trabalho como profissionais do sexo, na cidade de Uberlândia – MG.

Com relação à faixa etária das travestis, os dados coletados revelaram que 41,6% (n=5) apresentaram idade entre 20 e 25 anos de idade, seguido de 25% (n=3) com faixa-etária entre 15 e 20 anos de idade, posteriormente, 16,7% (n=2) entre 25 e 35 anos de idade.

Pode-se observar um maior percentual de 41,6 % com idade entre 20 e 25 anos, sendo nossos dados diferentes quando analisado comparativamente com a população de Gomes (2009), que encontrou alta concentração de um público adulto jovem no desempenho da prostituição, e em nosso estudo não obtivemos menores de idade, porém a maioria foi de adultos jovens, tendo em vista que apenas duas participantes tinham idade superior a 30 anos de idade.

Com relação ao quesito naturalidade, a maioria nascidas na cidade de Rio Branco – AC, com 41,7%, seguida das procedentes de Salvador – BA, com 16,7%, e 8,3% são naturais da cidade de Petrolina – PE, apresentando o mesmo percentual as nascidas em Fortaleza – CE, Uberlândia – MG, Redenção – PA e São Paulo – SP.

Verificamos uma significativa presença de travestis no mercado sexual em Uberlândia – MG oriundas do Rio Branco – AC. Quando questionadas sobre estarem se prostituindo em Uberlândia-MG, as participantes citaram que acham uma cidade tranquila, que não tem tanta violência como em algumas outras cidades, também abordaram que têm apoio da dona da casa onde foram realizadas as entrevistas. Na literatura estudada nada foi encontrado a respeito da naturalidade das travestis, impossibilitando uma análise maior a respeito da origem delas e por que a preferência pela cidade de Uberlândia-MG.

Em relação à renda mensal, 33,3% (n=4) revelaram ganhar mais de R\$ 3.001, seguido por 25% (n=3) que afirmaram receber de R\$ 1.001 até R\$ 2.000, 16,7% (n=2) recebem de R\$ 2.001 até R\$ 3.000, duas participantes totalizando 16,7% (n=2) não souberam informar e 8,3% (n=1) recebe até R\$ 1.000. No estudo de GOMES (2009), a renda mensal apresentada em sua pesquisa são divergentes dos nossos, pois apresenta maior renda mensal de R\$ 1.001 até R\$ 2.000, e em nosso estudo demonstramos que a maior porcentagem encontra-se com uma

renda mensal de mais de R\$ 3.001. Porém, isso talvez se devesse a desvalorização do real, já que a pesquisa de Gomes foi publicada em 2009 e possivelmente os dados foram coletados em datas anteriores às da publicação.

No critério cor/raça/etnia, 66,7 % (n=8) definem-se como pardas, seguindo de 16,7% (n=2) brancas, 8,3% (n=1) amarela e 8,3% (n=1) como negra. As próprias participantes definiram a sua cor: de acordo com a Lei n. 12.228 de 20 de julho de 2010, as pessoas é quem devem se declarar ou definir a sua cor/raça/etnia. (ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, 2010). Na literatura por nós estudada nada foi encontrado para comparar, corroborar ou discordar de nossos dados. No entanto, podemos relatar que nenhuma participante tentou fugir da identidade de acordo com a sua raça.

Quanto ao nível de escolaridade, há uma variação de 41,7% (n=5) que apresentavam o ensino médio completo e 33,3% (n=4) com ensino fundamental completo. Com ensino fundamental incompleto havia 16,7% (n=2) das participantes e 8,3% (n=1) com ensino médio incompleto. Notamos que não há nenhuma entrevistada que registre a participação no nível superior de ensino. Comparando com Gomes (2009), em seu estudo 24% apresentaram ensino médio completo, seguindo de 22% com ensino médio incompleto e nenhuma com ensino superior. Em nossa pesquisa as participantes apresentaram um maior índice com ensino médio completo. Podemos também concluir que nenhuma das entrevistadas apresentava ensino superior, conforme encontrado no estudo realizado por Gomes (2009).

De acordo com Pelúcio (2005) as travestis, em geral, possuem baixa escolaridade e pertencem às classes sociais mais baixas, o que contribui para a falta de qualificação profissional e o agravamento da estigmatização em razão da sua identidade sexual. Podemos confirmar pela fala da entrevista 1:

“(...) minha infância foi trabalhando com minha mãe desde cedo.”

Podemos então confirmar que, além do preconceito sofrido nas escolas, ocorre também a necessidade de trabalhar para ajudar a família. Muitas vezes elas têm a necessidade de trabalhar não só para ajudar a família, mas também por não terem mais seu apoio financeiro para as mudanças corporais, para assumirem sua opção sexual e até mesmo suprirem suas necessidades de transformação para o corpo feminino idea-

lizado.

Em relação à opção de continuar ou não os estudos, obtivemos que 75% (n=9) não estão estudando atualmente, porém têm intenção de voltar a estudar. Seguido de 16% (n=2) que também atualmente não estão estudando e não pretendem voltar. Apenas uma das entrevistadas, totalizando 8,3% (n=1), atualmente estuda. Conforme apontam Carrara e Viana (2006), quando nos remetemos às travestis, o que se constrói é uma imagem da desordem urbana, em que o duplo desvio sexual (homossexualidade e prostituição) aparece conectado à pobreza, ao tráfico, ou seja, ao submundo. Essa representação amplia a noção de vulnerabilidade entre as travestis, uma vez que essa não se resume na dificuldade histórica de acesso às políticas públicas em saúde, mas no acesso ao trabalho, ao lazer, à educação e ao exercício geral da cidadania. O que cabe, muitas vezes, são as esquinas ocultas e silenciosas.

Concluimos então que 75% das entrevistadas querem voltar a estudar para, quem sabe, fugir deste estilo de vida estigmatizado e paupado por tantas privações, riscos e negação de direitos.

Quando questionado quanto ao pensamento das travestis em sair da prostituição, 83,4% (n=10) das entrevistadas admitiram pensar em sair da prostituição, seguido de 8,3% (n=1) que não pensa em sair, tendo também 8,3% (n=1) que talvez saia da prostituição. De acordo com Pelúcio (2005), a sociedade aceita ou reconhece a travesti na sua condição de travesti prostituta, caricatura de mulher, mas não a aceita como cidadã com direitos igualitários; direito a empregos dignos, moradias, estudos, saúde e outros. Porém, é importante ressaltar que nem todas as travestis se prostituem, mas a rua, mesmo para aquelas que ali não buscam clientes, continua sendo uma das únicas possibilidades de convívio e reconhecimento social.

Podemos então concluir que 83,4% (n=10) pensam em sair da prostituição, porém como citado acima, a rua continua sendo uma das únicas possibilidades de convívio e reconhecimento social, justamente porque a população não oferece oportunidades para que as travestis desempenhem outro trabalho a não ser a prostituição. Quando questionadas sobre o motivo de querer sair da prostituição, 83,4% (n=10) porque acham a prostituição perigosa. Teve também uma das participantes que disse não ver futuro nessa profissão. Uma das entrevistadas não

saberia dizer se quer sair ou não, respondendo então que talvez, porém na pergunta sobre o motivo de querer sair, ela informou que não pensa em sair da prostituição. Com relação a abandonar a prostituição, no referencial teórico por nós levantado, nada foi encontrado.

Sobre violência, a mais citada foi a violência verbal, com 58,3% (n=7), em segundo lugar a violência física representa 25% (n=3), seguida com 16,7% (n=2) a de caráter sexual. O grande índice de violência verbal, segundo as entrevistadas, vem do preconceito da população que não as aceita conforme suas escolhas. De acordo com Mott e Cerqueira (2003) sublinham essa relação de violência promovida na dimensão de ser travesti e ser uma profissional sexual, podendo-se presumir dessa relação que há uma aproximação íntima entre a "avenida" e a "violência" em que o estilo de vida das travestis profissionais do sexo, tão próximas de ambientes marginais, é, sem dúvida, o principal fator explicativo para tantas violências. Observando dos dados apresentados, podemos concordar com os autores, pois em nosso estudo a violência verbal foi a que teve maior porcentagem, o que pode estar relacionado ao local que as travestis se encontram: "avenida, esquinas, rua", um local público de grande movimento. Por estar sempre se mostrando, para conquistar clientes, acabam sendo xingadas pelos(as) que têm preconceito.

Por fim, a pesquisa estruturou questões sobre o uso de álcool e outras drogas pelas travestis, revelando que 91,7% (n=11) das participantes usaram ou ainda usam algum tipo de droga: maconha/cigarro apresentaram o maior índice, com 50% (n=6), seguido pelo álcool, com 41,7% (n=5), e em menor índice a cocaína, com 8,3% (n=1). Quando questionadas se já haviam feito algum programa sob o efeito de algum tipo de droga, 75% (n=9) afirmam que já realizaram programas sob o efeito de substâncias psicoativas e apenas 25% (n=3) relatam nunca terem feito programa sob efeito de algum tipo de droga. A questão das drogas, por sua vez, aproxima-se com frequência das histórias das travestis. O uso de drogas se associa principalmente ao momento de saída da casa dos familiares, conforme ressaltam as principais referências (SILVA, 1993; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007). A droga, quando aparece, é consumida nos espaços de sociabilidade vinculados à prostituição por meio das práticas com os clientes, da violência compartilhada na rua e também no uso de hormônios para a modificação cor-

poral. Porém, não foi identificado um trabalho específico sobre a relação entre as drogas e as travestis. Podemos concluir então que a maioria das entrevistadas, 91,7% (n=11), usa ou já usou algum tipo de droga, estando assim mais vulnerável aos riscos da prostituição.

A seguir passaremos à apresentação dos dados de natureza qualitativa, que foram analisados e interpretados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), pela qual chegamos a nove categorias. Para melhor compreender essas categorias, foi dado a cada uma delas um título, seguido de suas respectivas unidades de fala ou de conteúdo e da discussão embasada na literatura levantada para esta pesquisa. Ressaltamos que optamos por colocar as unidades de falas e, entre parênteses, a sigla de entrevista (letra E) seguida do número da entrevista; por exemplo: "eu me sentia discriminada por ser travesti..." (E2).

Categoria n. 1

Construção de um corpo feminino no travesti, transformação, "montagem", composta das seguintes unidades de fala:

"(...) eu gostava de passar lápis de olho, usar brilho, roupa apertada. (...) comecei a tomar pílula, depois injeção, aí comecei a gostar e ver a diferença (no corpo) e me sentia bem entendeu? (...) a gente quer ser uma mulher, entendeu? e uma mulher por completo precisa fazer a cirurgia para se sentir melhor. (Cirurgia de Transgenitalização)" (E1).

"Ah, eu construí desde criancinha." (o corpo feminino) (E2).

"Comecei a tomar hormônio e deixei o cabelo crescer (...)" (E4)

"Aii. Tipo assim. Tomo hormônios (para mudanças no corpo), tento me lapidar diariamente." [E5]

"Procuo sempre estar maquiada, arrumadinha, sempre mais afeminada" (E7)

"Hormônio tomava em casa, tenho no bumbum. (Silicone)" (E7)

"Já nasci com ele já. (Corpo feminino)" (E8)

"Vai mudando a cabeça, revendo nossos

atos e acaba se dando conta que aquilo é pra você. (Referindo-se às mudanças físicas no corpo)" (E11)

"Busco ficar cada vez mais feminina. Quando comecei a tomar hormônio comecei as alterações no meu corpo. Eu comecei a tomar pílulas com 14 anos, aí quando eu comecei a botar corpo ficar com mais perna, mais bunda, meu peito começou a crescer. meu rosto começou a afinar, aí depois comecei a investir." (E1)

"Eh, fiz mudanças mais pra me sentir melhor, com aparência mais feminina, apesar de que quando eu ando nos lugares as pessoas não percebe muito não, só se falar algo assim. A mudança foi pra eu me sentir melhor. Desejo pessoal. Sentir bem mesmo." (E2)

"A única mudança que faço é tomar hormônio, mesmo, tenho medo de cirurgia. Com 16 anos já tomava hormônio. (...). Foi vontade minha que tomei os hormônios, não pensava em me prostituir na época, não." (E3)

"Silicone nos seios e bumbum. Por motivo de querer ser bem mais feminina. (Transformação)" (E5)

"Com 14 anos comecei a tomar hormônio." (E6)

"Bem tarde, com 20 anos, (começaram as mudanças em seu corpo), antes não fazia, depois que meu pai faleceu que comecei. Passei andar mais feminina, diminui o short deixei cair mais o cabelo, comecei a maquiagem, me arrumar mais." (E7)

"Já tem um tempo, comecei com 16 anos (as transformações). Coloquei prótese no peito e silicone no corpo, 1 litro. Foi pra conseguir mais dinheiro, né? (Referindo-se às mudanças)" (E8)

"Já coloquei silicone nos seios e bumbum." (E9)

"Silicone na bunda." (E10)

"Com 18 anos comecei a tomar hormônio. Tenho silicone nos seios." (E12).

"Travesti é uma arte que a cada dia aperfeiçoa-se, é um redescobrir permanente de um

alguém que já está em si desde sua concepção, habitando o mesmo corpo. Surge então a necessidade da transformação.” (BENEDETTI, 2005, p. 73)

Quando reveladas as primeiras transformações físicas das integrantes, a maioria relatou o consumo do hormônio sintético feminino como uma técnica de mudanças físicas. Outras preferiram trabalhar suas estéticas apenas utilizando o silicone. Entendemos o uso de hormônios para a modificação dos seus corpos, pois, “as formas e linhas quadradas, retas e angulosas do corpo do homem precisam ser modeladas para adquirir uma aparência redonda e roliça” (BENEDETTI, 2005, p. 73).

É comum o processo de transformação das travestis se iniciar com a ruptura do mundo da casa, seguindo pelo necessário apego ao universo da rua, onde encontram formas de sobrevivência e aprendem, ou potencializam, seu processo de transformação. Em busca de si mesmas, de sua autenticidade, vão inscrevendo seus sonhos em seus corpos. (PELÚCIO, 2009, p. 232)

Compreendemos, conforme os autores supracitados, que as modificações do corpo feminino na travesti vão auxiliá-las em sua identidade e, ao mesmo tempo, transformá-las de acordo com suas necessidades para alcançarem a aparência que mais desejarem.

Notamos que as entrevistadas na maioria das vezes realizam a hormonização por conta própria, sem o acompanhamento de um profissional qualificado para tal procedimento.

Outro ponto interessante que se depreende das falas é que quase todas começaram a tomar hormônios muito cedo, ainda adolescentes, não se dando conta dos riscos de tal atitude, mas a premência de ver seu corpo transformado fala mais alto, e os riscos não são avaliados pela falta de orientação médica.

Categoria n. 2

Infância x Adolescência x Família

“(…) minha infância foi trabalhando com minha mãe deste cedo.” (E1)

“Foi boa, não era muito assim, de responsabilidade, eu brincava até.” (Referindo à sua infância) (E1)

“Minha infância foi um pouco sofrida, de

muita necessidade, mais foi divertida (...)” (E2)

“Muita lágrima, muito choro, aí só coisa ruim na minha infância e na minha adolescência o que eu busco e isso.” (E3)

“Muito sofrimento, passei fome, muita chuva, não tinha casa pra morar, morei na rua, não tenho vergonha de falar, não.” (E4)

“Foi ótima, não tenho do que reclamar, não.” (Sobre a infância) (E5)

“Nem difícil nem tão fácil.” (A infância) (E6)

“Infância foi até boa, já a adolescência foi mais difícil, mais perturbada por ser travesti.” (E9)

“Infância muito, sei lá, muito difícil, na época eu morava com os outros.” (E10)

“Muito boa.” (Falando da infância e adolescência) (E1)

“A relação da minha mãe comigo não era muito boa. (...) quando ela viu que eu ia ser o que eu era, ela começou a se afastar de mim, me dar desprezo, aí começou aquelas baixaria todas. Ai depois que comecei a tomar hormônio, a mudança foi completamente diferente, a família começou a me ignorar, teve uns que não queriam mais falar comigo, primos mesmo, sabe, se afastaram. Minha mãe mesmo, me expulsou de casa.” (E3)

“Depois que comecei a virar travestir, colocar silicone no meu corpo, aí começaram a mudar comigo, entendeu, hoje em dia já me tratam melhor.” (Família) (E4)

“Era tranquila, nunca foi deles brigarem por eu ser assim, não.” (Referindo à família) (E6)

“Era ótima, nunca tive problema.” (Nunca teve problema com a família) (E8)

“(…) minha mãe não me aceitava.” (E9)

“Com minha família mudou, mais com os amigos nem todos se afastaram, mas alguns sim.” (Falando do comportamento que a família tinha e os amigos, após ela começar as mudanças em seu corpo) [E10]

“Maravilhosa.” (Sua infância) (E11)

“Aceitaram de boa”(Família aceitou) [E12]

A relação com a família é um fator interessante e complexo. Trata-se de um dos ambientes em que mais se sofrem impactos durante a instalação física e comportamental do desenvolver-se travesti. Quando analisadas as primeiras transformações corpóreas entre as participantes, elas ainda tinham convivência direta com a sua família biológica. Após o início das transformações, como o consumo de hormônios para a modificação de seus corpos, implantes de silicões, mudanças no visual, vestimentas, surgiram assim os conflitos familiares e a inserção no mundo da rua.

Há também ambivalência quanto à interpretação de como foi vivida a infância. Muitas descreveram um cenário positivo enquanto outras acrescentaram condições sociais e financeiras que não lhes permitem uma avaliação positiva desse período. Há uma interação entre condições socioeconômicas e a travestilidade.

Categoria n. 3

Educação escolar das travestis

“Bem constrangedor no começo e daí tive que terminar, pois não aguentava mais tanta chacota, essas coisas, aí também tive que parar pra poder ajudar minha mãe. (Época de escola)” (E2)

“Era muito xingada, era horrível quando a gente é gay, me sentia humilhadíssima. Aí era sei lá, muito diferente, excluída.” (E4)

“Sempre tive amizade com todo mundo. Tinha muita amizade com os funcionários, todos gostavam de mim.” (E6)

“Foi ótima.” (E8)

“Era bem tranquila.” (E9)

“Era razoável, entendeu, eles tinham preconceito, mas sei lá tipo, aturavam, né? Não era a mesma coisa com os outros.” (E10)

“Péssimo, horrível.” (E11)

“Foi bom, normal.” (E12)

Notamos que, entre as falas, há uma divi-

são quanto ao preconceito vivenciado na época escolar. Algumas falas avaliam a experiência escolar como positiva ou tranquila, em outras falas de algumas entrevistadas há recordação negativa dessa época.

“Era horrível, passava por bullying, era discriminada, humilhada, era horrível.” (E7).

Concordamos com Gomes (2009) quando aborda que a relação com a escola se rega de um distanciamento, que talvez ocorra devido às transformações físicas, principalmente, que esse público produz em seus corpos, gerando desafios que ainda não são plenamente trabalhados pela instituição escolar, acarretando uma defasagem ou até mesmo desistência dos estudos.

Notamos também que o grau máximo de escolaridade entre as participantes era ensino médio completo, nenhuma conseguiu dar seguimento para um nível superior, numa interação entre fatores que não foi possível investigar.

Categoria n. 4

Relações interpessoais das travestis

“Assim, se juntava todo mundo que era gay, transexual, lésbica, se juntava tudo, tipo diferenciados ficam tudo junto.” (E1)

“Dentro da minha família era horrível, preconceituosa minha família.” (E4)

“Era tranquilo.” (Sua relação com as pessoas / família) (E9)

“Bacana, eles me aceitavam de boa. (Referindo à sua família)” (E2)

“A relação da minha mãe comigo não era muito boa.” (E3)

“Era ótima, nunca teve problema.” (Referindo à família) (E8)

“Eu era muito antipática, era mais sozinha na minha.” (E3)

De acordo com Louro, Neckel e Goellner (2003), o corpo, de maneira geral, seria construído principalmente por intermédio da linguagem, pois esta não reflete somente o que já está consolidado, mas também tem o poder de criação, no sentido de nomeação, de classificação e

de definição de normalidades e anormalidades.

Notamos nas falas que as relações interpessoais das travestis com suas famílias nem sempre eram boas, embora algumas relatem experiências positivas, talvez pela maior visibilidade dada à travestilidade nos últimos anos.

“Não era muito boa, minha relação com minha mãe era horrível, pois ela nunca me aceitou, entendeu, de forma alguma, meu jeito, eu sempre bati nesta tecla por aquilo, eu tinha a mente mais forte, e sempre insisti nisso.” (Falando em ser travesti) (E7)

Categoria n. 5 **Preconceito \ Bullying \ Discriminação sofridos pelas travestis**

“(...) no tempo que eu estava me transformando tinha muito preconceito.” (E1)

“(...) ouvia muita piada as professoras inclusive me tratava diferente (...)” (E1)

“Minha mãe mesmo, me expulsou de casa.” (E3)

“(...) muitas amigas minha passam por isso. E babado essa vida.” (Falando do preconceito) [E4]

“Meu pai e meu avô tinha preconceito.” (E5)

“Era razoável, entendeu, eles tinham preconceito mas sei lá tipo, aturavam, né? Não era a mesma coisa com os outros.” (E10)

“Xingamentos, pessoal besta.” (Referindo às pessoas que mexem com ela na rua) (E12)

“Sempre tem, né? Maioria dos lugares tem pessoal preconceituoso.” (E12)

“Minha mãe sempre soube que eu ia ser homossexual, ela mandava eu me endireitar pra ser alguém na vida.” (E1)

“Era muito xingada, era horrível quando a gente é gay, me sentia humilhadíssima.” (E4)

“Ai era sei lá, muito diferente, excluída.” (E4)

“Era horrível, passava por bullying, era dis-

criminada, humilhada, era horrível.” (E7)

Pelas falas nota-se que a discriminação acontece em vários espaços: na escola, no ambiente familiar, no espaço público. Há falas que citam humilhação, exclusão, discriminação, preconceito, xingamentos etc. Chama a atenção uma das entrevistadas referir-se ao tratamento jocoso e diferente dado pelas professoras dentro do espaço escolar, espaço que deveria zelar pela inclusão de qualquer tipo de diferença, atestando o despreparo dos professores para lidarem com a questão.

De acordo com Benedetti (2005), esse processo de sair de casa também favorece a entrada dessas pessoas no mercado da prostituição, que se apresenta como gerador de renda e também como espaço de socialização e de experiência do feminino. Mas esse espaço, onde muitas delas conseguem viver sua identidade de gênero, tende a caracterizar-se por relações de competitividade e de agressividade, podendo dificultar o estabelecimento de relações de apoio social.

“Minha mãe mesmo, me expulsou de casa.” (E3)

“(...) minha mãe não me aceitava.” (E9)

“Não me aceitava. Me aceita agora, mas não me aceitava no começo.” (Falando de sua família) (E4)

Categoria n. 6 **Estando na noite: prostituição, drogas e vícios**

“Rapaz eu comecei a me prostituir com uns 16 anos, mas os clientes tinha medo pra levar pra motel, essas coisas, mas eu comecei a me harmonizar, ficar mais bonita, aí com 18 anos eu comecei a botar anúncio, aí que eu comecei a vim entender o que é ser prostituição.” (E1)

“12 anos de idade.” (Iniciou a prostituição) (E2)

“Entrei através de uma amiga e da necessidade da minha mãe, queria poder ajudar ela pois meu pai era muito rude, largou ela com sete filhos, daí eu queria ajudar ela de alguma maneira e não vi outra opção, aí entrei na prostituição” (E2)

“Entrei sabendo já pois tinha uma traves-ti dentro de casa” (Como iniciou a prostituição) (E8)

“Não sei, aconteceu do nada, sai pra boas e fazia programas” (E12)

“Fumo até hoje, o quanto que tiver estou fumando,” (Referindo-se ao cigarro) (E3)

“Cigarro, fumo muito mesmo, umas 3 car-teiras por dia.” (E4)

“Maconha diariamente.” (Faz uso de ma-conha) (E5)

“(…) eu uso maconha, toda hora.” (E6)

“Maconha, cigarro, álcool. Todos os dias.” (E7)

“Bebo às vezes.” (Bebida alcoólica) (E8)

“Cigarro (fuma diariamente). Maconha às vezes.” (E10)

“(Fuma) Cigarro. Cheirava (pó), hoje já não mais. Fuma 3 carteiras por dia de cigarro.” (E11)

“Bebo e fumo maconha, todo dia.” (E12)

Abordando o consumo de drogas, a maio-ria das entrevistadas informou o uso de alguma substância ao decorrer da vida, sendo as mais comuns maconha e cigarro.

“Às vezes eu tomo uma quente pra esquen-tar o corpo, mas não tenho mais assim aquele vi-cio de beber, e drogas como a maconha, a coca-ína eu já experimentei, mas nunca tive (vício), só tive a curiosidade de usar, entendeu, apesar que às vezes tem muito cliente que quer que eu use mas eu falo que não gosto. É uma coisa minha, não gosto. Depois que como algo ou quando es-tou nervosa eu fumo.” (E1)

A droga licita mais comumente consumida é o álcool, principalmente as consideradas be-bidas quentes como “Campari”, uísque, conha-que, além do cigarro. Tal uso acentuado obtém sua justificativa como um meio de facilitar a vida noturna. A primeira razão dada consolida-se pelo uso dos poucos vestuários para o exercício do trabalho, portanto, as roupas muito curtas, a

utilização comum de apenas o sutiã, mini blusas, tomara-que-caia, e um short, saias, calças bem justas, ou mesmo apenas a presença dos acessó-rios íntimos cobertos por um colete ou uma lon-ga jaqueta conhecida comumente como “sobre-tudo” a qual no trânsito de carros pela avenida elas exibem seus corpos abrindo-os e mostrando apenas as peças íntimas ou seus seios. Com isso, o frio que passam nas madrugadas e as poucas roupas utilizadas pela maioria fazem com que o consumo de bebidas quentes seja um bom aperitivo para o sucesso na rua porque podem se exibir mais, diminui a inibição na abordagem de um cliente, tendo mais coragem para enfren-tar a noite e “fazer sucesso na pista”. (GOMES, 2009, p. 80)

É visível no relato a seguir, como a droga facilita a sua postura, o seu comportamento quando enfrentam diferentes locais pouco ha-bituais na busca de clientes, ou quando passam por dificuldades emocionais, talvez pela impre-visibility das situações que podem enfrentar.

“Todas elas que você imaginar (risos) [re-ferindo-se às drogas], e a heroína usei só uma vez em um momento muito depressivo da mi-nha vida, que foi na Itália, e daí eu tive que usar naquele momento de frio e tudo pra me sentir melhor, pois estava muito inibida, e as outras por curiosidade, mesmo.” (E2)

Categoria n. 7

Violência e riscos da rua:

“Em Pernambuco levei duas facadas.” (E2)

“(…) muito perigosa, a noite (...) a gente sai e não sabe se vai voltar, é um trabalho arris-cado.” (E3)

“Ah, acho muitíssimo perigosa, risco de doença, temos que estar sempre monitorando controlando a saúde e também as pessoas (...)” (E2)

“Muitos. Ai doença né, se a pessoa não tiver cabeça usar camisinha, fora que é muito perigoso assalto.” (Falando do risco da rua e da prostituição) (E4)

“Muito perigosa. Primeiro as DSTs e depois você não sabe se vai voltar do programa, exis-tem muitas pessoas perigosas.” (E5)

“Muito perigoso (...), não conhecemos com quem saímos não sabemos a mente deles” (E6)

“Acho vários riscos. Morte, roubo, agressão.” (E8)

“Não sabemos do que o ser humano é capaz.” (E10)

“Acho perigosa (falando da rua), levar um tiro, ser agredida.” (E11)

“(…) vários riscos.” (Falando quando está na rua) (E12)

Quanto à vivência da violência, a maior parte das entrevistadas revelou já ter sido vítima de algum tipo de violência. Quando questionadas sobre os riscos presentes na rua a grande maioria relatou achar perigosa. Até o risco de morte foi aventado, o que se registra, algumas vezes, no noticiário policial e nas manchetes de jornais.

De acordo com Kulick (2008), as travestis convivem com a expectativa de serem agredidas física ou verbalmente a qualquer momento, por parte das pessoas que se sentem incomodadas com a sua presença. Ao mesmo tempo em que atrai olhares libidinosos de alguns homens, atrai a ira de outros também. Porém, quando estão trabalhando, no exercício da prostituição, estão mais vulneráveis à violência policial, das pessoas que circulam pelo local de carro, de ônibus, entre outros. Na maioria das vezes são agressões verbais e físicas. De modo geral, elas têm muita dificuldade de confiar em outras pessoas e estão sempre esperando ser enganadas e traídas, ou seja, estão sempre à espera de um ataque. Inferimos que esse tipo de tensão experimentada nas ruas durante a procura por clientes parece favorecer o consumo de drogas para aliviar a pressão hostil desse ambiente de trabalho.

Concordamos com Kulick, de acordo com as falas das entrevistadas abaixo:

“(…) as vezes você sai com o cliente mais sai com medo não sabe se vai voltar, pois quem vê cara não vê coração.” (E1)

“(…) a gente entra em um carro e não sabe se vai voltar.” (E9)

“(…) corremos vários riscos, tem muitas mariconas atiradas, corremos o risco de ser dei-

xada na estrada, não pagam a gente, ser agredida e não podemos nunca fazer nada, pois sempre somos a errada da história.” (E7)

A estigmatização que as travestis sofrem e a representação negativa que as pessoas fazem sobre a prostituição de travestis (como a última fala acima elucidada) podem fazer com que aceitem episódios de violência sem denunciá-los “(…) e não podemos fazer nada, somos a errada da história.” (E7)

Categoria n. 8

Riscos de DST's \ Aids x Serviços de saúde:

“Não tenho plano de saúde, utilizo o posto de saúde, quando necessário.” (E1)

“Para prevenção utilizo preservativo.” (E1)

“Tenho sífilis, utilizo o serviço do posto de saúde, pois não tenho plano. Utilizo preservativo para prevenção.” (E2)

“Vou geralmente no posto de saúde, quando necessito de atendimento médico.” (E3)

“Utilizo camisinha para prevenção, mas às vezes tem uns deslizes, né?” (E3)

“Já tive (gonorreia) ... Quando necessita de atendimento de saúde vou no posto de saúde.” (E4)

“Uso, costumo usar sempre preservativo, mesmo no sexo oral.” (E5)

“Tem cliente no meu trabalho que pede para mim fazer sexo oral no ânus, aí eu aprendi como fazer o sexo oral no ânus e sempre busco fazer com preservativo, sendo oral ou no ânus.” (E5)

“Uso camisinha para prevenção, já tive sífilis e procuro o postinho de saúde quando necessito de atendimento.” (E6)

“Uso camisinha para prevenir, faço exames periódicos no posto de saúde.” (E7)

“Utilizo camisinha e quando preciso procuro o posto de saúde.” (E8)

“Quando preciso de atendimento médico vou no posto de saúde.” (E9)

“Uso camisinha para prevenção, nunca tive nenhuma doença.” (E10)

“Já tive sífilis, procurei o posto de saúde para tratamento.” (E11)

“Utilizo o posto de saúde e para prevenção uso camisinha.” (E12)

A maioria utiliza a camisinha como prevenção das DSTs/ Aids, bem como para sexo oral e anal. Também utilizam o posto de saúde e não possuem nenhum plano de saúde.

O que nos chama a atenção ao uso das drogas pelas travestis é que a associação entre travestis e drogas invoca a vulnerabilidade e que forma-se um ciclo vicioso, no qual a travesti está sujeita a se envolver em casos de violência, está mais suscetível a contrair e transmitir doenças sexualmente transmissíveis, pois os fatores de risco são elevados quando os fatores de proteção são baixos.

É interessante notar que houve casos de sífilis entre elas, mas que se preocupam em buscar atendimento em posto de saúde para procurar um tratamento. Isso demonstra que, apesar de toda a estigmatização que sofrem, têm consciência que o tipo de trabalho que realizam implica riscos para a saúde e recorrem aos serviços médicos diante de sinais de manifestação de doenças. Porém, nenhuma das entrevistadas referiu-se à realização do teste para detecção do HIV.

Categoria n. 9

Ter uma profissão melhor ou outra

“Penso em fazer faculdade, me envolver mais com ensino pra ter uma profissão melhor.” (E1)

“Chefe de cozinha (quer sair da prostituição), quando voltar pra minha cidade.” (E4)

“Prostituição talvez seja só uma fase passageira.” (E5)

“Querida tipo viver uma vida normal sem ir pra rua, ter meu marido.” (E8)

“(…) não quero viver assim pra sempre, tem uma hora que a gente cansa.” (E9)

“Quero uma vida melhor.” (E10)

“No momento não porque estou me dando bem agora.” (E6)

“Porque tudo cansa e prostituição cansa e não vamos ficar nova pra vida inteira, e só se ganha dinheiro quando é nova e bonita.” (E12)

De acordo com Pelúcio (2005), através do trabalho feito com travestis que se prostituem na cidade de São Paulo, a autora percebeu algumas percepções promovidas por estes sujeitos:

A prostituição é entendida de diversas formas pelas travestis: (1) como uma atividade desprestigiada, com a qual só se envolveriam por necessidade, saindo dela assim que possível; (2) como uma forma de ascender socialmente e ter conquistas materiais e simbólicas; (3) como um trabalho, sendo, portanto, geradora de renda e criadora de um ambiente de sociabilidade. (p. 223)

Concordamos com Pelúcio de acordo com algumas falas das entrevistadas:

“Pretendo (sair da prostituição), porque isso é uma vida de ilusão, não é uma vida boa, quem tá de fora pensa que é uma vida fácil, mas não é uma vida boa. Só a gente que vive sabe que não é uma vida boa, então pretendo, sim, sair da prostituição.” (E7)

“Sim, porque é uma vida muito difícil.” (Referindo-se à prostituição) (E2)

“Tem hora que a gente pensa em voltar a estudar, mas essa vida (prostituição) pra gente voltar a estudar é muito difícil pra gente.” (E4).

Considerações finais

O caminho percorrido para desvelar a sexualidade das profissionais do sexo foi longo e tortuoso, buscamos compreender este complexo universo a partir de várias perspectivas. Embora não explicitado no artigo, partimos do estudo da história da prostituição, já que se trata de uma prática antiga, acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade e a adaptação da prostituição com travestis em Uberlândia-MG.

De acordo com a nossa proposta de

caracterizar o ser travesti na população de profissionais do sexo em atividade em Uberlândia-MG segundo variáveis demográficas e socioeconômicas, bem como os fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis nessa população, verificando os sentimentos e dificuldades enfrentadas, percebemos que as entrevistadas, quando perguntadas sobre DSTs e AIDS, informam e estão realmente conscientes sobre os riscos de contrair alguma doença sexualmente transmissível. Percebemos também que mais da metade das entrevistadas relataram já ter tido alguma DST, porém nenhuma informou ter contraído o vírus do HIV (vírus da imunodeficiência humana), causador da AIDS. O que chama a atenção sobre prevenção é justamente a vulnerabilidade das travestis como profissionais do sexo, sendo assim, a nosso ver, há uma necessidade de atenção maior para esse grupo quanto à contaminação, de um acompanhamento preventivo. As que porventura vierem a apresentar alguma doença sexualmente transmissível, terem a possibilidade de um acompanhamento mais voltado para o seu tratamento e a sua orientação quanto aos riscos causados, caso seja realizado sexo sem proteção.

Conforme esclarecemos no decorrer da pesquisa, outros fatores estão incluídos, como família, mudança física, comportamento, violência entre outros. No âmbito da produção acadêmica, é importante a realização deste tipos de produção de conhecimento, através de pesquisas, possibilitando a ampliação de informações sobre os assuntos estudados.

A arte da manipulação dos símbolos sociais, realizada por travestis, para aperfeiçoarem os seus corpos e se colocarem da forma como se percebem, rompe com as regras, os valores, as normas já estabelecidas pela sociedade. A pesquisa então buscou mostrar e contribuir para um maior conhecimento dos acadêmicos, pesquisadores, estudiosos do assunto e da população em geral, sobre as dificuldades enfrentadas pelas travestis, pela falta de apoio familiar na maioria das vezes, pela discriminação e pelo preconceito impostos, até mesmo pelos profissionais da saúde e de educação, de um modo geral.

Acreditamos que os resultados do trabalho foram satisfatórios, porém sabemos da necessidade de um aprofundamento mais amplo no sentido de conhecer com mais detalhes toda a trajetória da população em questão.

Referências

- AYRES, J. C. M. et al. Vulnerabilidade e prevenção em tempo de Aids. In BARBOSA, Regina Maria (Org.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/ Uerj; São Paulo: 34 Ltda., 1999.
- BARDIN, L. . Análise de conteúdo. *Edição revista e ampliada*. São Paulo: Edições 70 – Brasil, 2011. 280 p.
- BENEDETTI, M. R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BRASIL. *Estatuto da Igualdade Racial*. Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010.
- BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e a discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.
- CARRARA, S.; VIANNA, A. R. B. A. "Tá lá o corpo estendido no chão..." a violência letal contra Travesti no município do Rio de Janeiro. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2 p. 233-249, 2006.
- COMPARATO, F. K. *A Afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. Um breve histórico dos direitos humanos. In: CARVALHO, José Sergio. (org.) *Educação, cidadania e direitos humanos*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-42.
- GOMES, Douglas Aparecido da Silva. *No "bate porta": A trajetória das travestis, em situação de prostituição, em Taguatinga*. 2009. 156 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero, e cultura no Brasil*. Tradução, Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. 280p.
- LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: discussões*. Petrópolis: Vozes, 2003. 191p
- MOTT, L.; CERQUEIRA, M. *Matei porque odeio gay*. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

PELÚCIO, L. *Na noite nem todos os gatos são pardos*: Notas sobre a prostituição travesti. Caderno Pagu, n. 25, p. 217-248, jul.-dez. 2005.

PELÚCIO, L. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*. São Carlos: UFSCar, 2007, 312 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PELÚCIO, L. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: FAPESP, 2009.

REVERÓN, N. *Prostituição: exploração sexual e dignidade humana*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção temas sociais para a juventude)

SILVA, H. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SILVA, H. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.